

Aproximações de Sertã com Sertão pela História: valorização do patrimônio cultural por meio do Turismo de Base Comunitária

Approaches between Sertã and Sertão through History: valuing cultural heritage through Community-based Tourism

Aproximaciones entre Sertã y Sertão a través de la Historia: valoración del patrimonio cultural a través del Turismo Comunitario

Juliana Andrade do Carmo Martins¹
PPGEduC/UNEB
jule.ac@gmail.com

Francisca de Paula Santos da Silva²
UNEB/UFBA/DMMDC
fcapaula@gmail.com

Alfredo Eurico Rodrigues Matta³
UNEB/UFBA/DMMDC
alfredo@matta.pro.br

Tereza Verena Melo da Paixão⁴
PPGEduC/UNEB
verena_sonho@hotmail.com

¹Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Mestra em Educação pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Membro dos Grupos de pesquisa Sociedade Solidária, Espaço, Educação e Turismo – SSEETU e Sociedade em Rede.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, Professora Plena da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, filiada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC, Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA e ao Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento - DMMDC. Líder do grupo Multidisciplinar de Estudo e pesquisa Sociedade Solidária, Espaço, Educação e Turismo – SSEETU.

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, filiado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC, Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA e ao Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento - DMMDC. Líder do grupo de pesquisa Sociedade em Rede.

⁴ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Mestra em Educação pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Adventista de Educação do Nordeste – FAENE. Membro dos Grupos de pesquisa Sociedade Solidária, Espaço, Educação e Turismo – SSEETU e Sociedade em Rede.

Resumo: O artigo tem por objetivo construir conhecimento sobre a história que aproxima Sertã do Sertão, com a finalidade de refletir como o Turismo de Base Comunitária contribui para a valorização do patrimônio cultural. Trata-se de um estudo qualitativo com base na pesquisa bibliográfica. Para um melhor entendimento sobre o tema, buscou-se aproximações entre Sertã, em Portugal; e Sertão, no Brasil, a partir de Matta e Passos (prelo), verificando-se que existe uma relação histórica entre Sertã e Sertão. Fez-se uma breve exposição dos conceitos e pressupostos do Turismo de Base Comunitária por meio das contribuições de autores como Coriolano (1998), Cravidão (2011), Irving (2009), Maldonado (2009), Martins (2020), Sampaio (2005), Silva et al. (2012), Spínola (2000). Por fim, compreendeu-se o Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto é uma alternativa promissora para a valorização do patrimônio cultural e histórico.

Palavras-chave: Sertã. Sertão. Patrimônio Cultural.

Abstract: The article aims to build knowledge about the history that brings Sertã to Sertão, in order to reflect on how Community-Based Tourism contributes to the appreciation of cultural heritage. This is a qualitative study based on bibliographic research. For a better understanding of the subject, approaches were sought between Sertã, in Portugal; and Sertão, in Brazil, based on Matta and Passos (press), verifying that there is a historical relationship between Sertã and Sertão. A brief exposition of the concepts and assumptions of Community-Based Tourism was made through the contributions of authors such as Coriolano (1998), Cravidão (2011), Irving (2009), Maldonado (2009), Martins (2020), Sampaio (2005), Silva et al. (2012), Spínola (2000). Finally, it was understood that Community-Based Tourism in Povoado Alto is a promising alternative for valuing cultural and historical heritage.

Keywords: Sertã. Sertão. Cultural heritage.

Resumen: El artículo tiene como objetivo generar conocimiento sobre la historia que trae Sertã al Sertão, para reflexionar sobre cómo el Turismo Comunitario contribuye a la valoración del patrimonio cultural. Se trata de un estudio cualitativo basado en la investigación bibliográfica. Para una mejor comprensión del tema, se buscaron acercamientos entre Sertã, en Portugal; y Sertão, en Brasil, con base en Matta y Passos (prensa), verificando que existe una relación histórica entre Sertã y Sertão. Se realizó una breve exposición de los conceptos y supuestos del Turismo Comunitario a través de los aportes de autores como Coriolano (1998), Cravidão (2011), Irving (2009), Maldonado (2009), Martins (2020), Sampaio (2005), Silva et al. (2012), Spínola (2000). Finalmente, se entendió que el Turismo Comunitario en Povoado Alto es una alternativa prometedora para la valoración del patrimonio cultural e histórico.

Palabras clave: Sertã. Sertão. Patrimonio cultural.

Introdução

O conteúdo desse texto está relacionado às pesquisas e vivências dos autores, em Sertã, Portugal, e no Sertão, Brasil, mais especificamente no Povoado Alto, na Bahia, que contribuíram para articular semelhanças entre estes territórios. Falar sobre o Sertão, é antes de tudo, adentrar na complexidade que o próprio termo remete, e não apenas apontar a localização de uma região geográfica. Os estudos e discussões apontam para pelo menos duas vertentes para a origem do termo Sertão, uma africana que se refere à ideia de porções distantes do litoral, e a outra relacionada à ideia de entrelaçar-se na vegetação contínua da caatinga (IBGE, 2009). Nesse sentido, temos como hipótese a existência de relações entre Sertã que nomeia uma Vila portuguesa e o Sertão, termo que nomeia umas das sub-regiões do Brasil.

Desse modo, não há como falar sobre o Sertão sem mencionar os aspectos sociais, naturais e culturais que caracterizam o território e o modo de viver dos sertanejos. Logo,

instituiu-se como objetivo principal desse estudo construir conhecimento sobre como a história aproxima Sertã e o Sertão, buscando ainda refletir a respeito de como o Turismo de Base Comunitária contribui para a valorização do patrimônio cultural. Assim sendo, ao iniciar este estudo surge a seguinte inquietação: Como a história aproxima Sertã e Sertão? E como o Turismo de Base Comunitária contribui para a valorização do patrimônio cultural? A metodologia utilizada foi ancorada na abordagem exploratória, recorrendo ainda à pesquisa bibliográfica, uma vez que esta possibilita a reflexão sobre contribuições teóricas de autores que se dedicaram ao estudo sobre a realidade social em diversos períodos e contextos.

O artigo está organizado em três partes além desta introdução, e da conclusão. Na primeira parte, discorre-se sobre a descoberta da Vila portuguesa de Sertã, no distrito de Castelo Branco, em Portugal e as aventuras da Família Matta, de Sertã para o Sertão. Na segunda, apresenta-se a história do Sertão e a cultura dos sertanejos. E, por fim, discorre-se sobre o Alto, um lugar que representa bem o Sertão da Bahia, destacando-se ainda como esse Povoado se insere historicamente e culturalmente no Sertão da Bahia e como o turismo de base comunitária tem contribuído para a valorização de seu patrimônio cultural.

A Descoberta de Sertã, em Portugal

Diferente do termo Sertão, que no Brasil nomeia uma das quatro sub-regiões do Nordeste e perpassa por seis estados (EMBRAPA, 2021), a Vila portuguesa de Sertã, no distrito de Castelo Branco, designa apenas um município de 453,13 Km², a cerca de 190 quilômetros de Lisboa (SERTÃ, 2021). Por isto, a discussão que se estabelece neste artigo é que aspectos históricos aproximam a Sertã portuguesa com o Sertão brasileiro, principalmente ao se analisar as semelhanças dos nomes, evidenciadas na lenda sobre a origem dessa Vila portuguesa.

A lenda de fundação de Sertã carrega uma explicação interessante. A Vila teria origem e nome ligados à construção, em 74 a.C., pelo militar romano Quinto Sertório, do castelo que a originou. Segundo a lenda, uma vez morto Sertório em uma batalha contra invasores do castelo, sua mulher Celinda pegou uma enorme Sertã, frigideira quadrada cheia de azeite fervente, e jogou sobre os invasores, afastando-os, o que deu tempo para a chegada de defensores (SERTÃ TURISMO, 2021).

Esse evento faz pensar: tendo em vista a ainda misteriosa e inconclusa origem do termo Sertão no Brasil, será que a enorme região sertaneja, por muitos quilômetros em planalto, não fez parecer aos primeiros visitantes portugueses, como uma enorme frigideira de

óleo? Será que o Sertão brasileiro não tem esta designação por similaridade ao nome da Vila de Sertã?

Mais ainda se pensar que alguns destes antigos colonos poderiam conhecer esta lenda e encontrar similaridade entre a região semiárida e uma frigideira quente, de calor abrasador, como de fato é o Sertão brasileiro. E há ainda a possibilidade de ser o Sertão brasileiro tão distante do litoral, como a distante Sertã em relação à Lisboa.

Dessa forma, acrescenta-se uma nova hipótese à denominação de Sertão no Brasil, aludindo à uma frigideira capaz de queimar como óleo ardente, naquela região do semiárido, e cuja inspiração de nomeação pode ter vindo da pequena Vila portuguesa. Importante lembrar que o Sertão brasileiro é feito de tabuleiros, como são chamados – extensas áreas planas, muitas vezes quadradas ou retangulares. O que pode ter facilitado a associação da frigideira sertã ou sertange à denominação daquele tipo de clima e região.

Quanto ao termo ter vingado, pensa-se que uma vez ter sido posto, por algum viajante, em alguma entrada, o fato de ter relação entre o calor da região e a sertã, frigideira, sempre quentes no óleo, pode ter espalhado o termo condizente com a situação do ambiente regional.

Nesse sentido, o Turismo de Base Comunitária, o exame das culturas e práticas societárias comunitárias do Sertão, como será visto no exemplo do Povoado Alto, dá-se uma dimensão do rico povoamento e construção de impressionante diversidade na cultura brasileira, neste caso específico em relação ao Sertão brasileiro.

Claro que se somaram ao povoamento e colonização portuguesa, as populações indígenas, de várias nações, e povos de origem africana, principalmente bantos, angolanos e congoleses, ou nigerianos Queto ou Yorubas, e outros. De maneira que a diversidade e pluralidade cultural e de práxis social destas populações sertaneja é óbvia, e é evidente, nada que lembre a ideia de democracia racial, visto que a colonização foi quase sempre violenta e perversa. Mas, a verdade é que foi se formando a cultura brasileira nas várias localidades do Sertão, como, por exemplo, no Povoado Alto aqui estudado.

A ligação com o turismo de Sertã pode ser exatamente a colonização. Se a hipótese levantada pelos autores for correta mais razão ter-se-á para imaginar que algum, ou alguns colonos de Sertã podem ter vindo para o Sertão desde o início da História do Brasil. E quem sabe associar os tabuleiros quentes do Nordeste brasileiro à frigideira com óleo fervente. Esta associação pode ter sido feita por colonos de outras regiões portuguesas, que conhecessem o termo. E ainda, independentemente desta hipótese estar correta, ou de a origem do termo ser mesmo de alguma das outras hipóteses, ou outra ainda não elaborada, é certo afirmar que

comunidades como o Povoado Alto, e tantas outras, inclusive grandes cidades, foram o destino de imigrantes colonizadores que acabaram ajudando a construir o Brasil.

Opina-se que a visita e turismo em Sertã pode ter alusão a esta hipótese. A possibilidade de o Sertão brasileiro, do Povoado Alto, e outros, estar numa região com esta denominação pelo mesmo motivo que Sertã, tem o seu nome de Vila: uma frigideira fervente e quente, de óleo ardente, como bem parecem os tabuleiros brasileiros.

Analisando a partir dessa perspectiva, brasileiros interessados no Sertão, deveriam visitar Sertã. E Portugueses deveriam visitar o Brasil sertanejo, refletindo sobre esta possibilidade de relação histórico-cultural.

Um vínculo, por exemplo, está na ligação potencial de famílias dos dois lados do Atlântico. Supõe-se que são muitas famílias e inúmeras ligações genéticas entre Brasil e Portugal. Justo por conta das viagens de estudo feitas à Sertã, apresenta-se o exemplo de uma das famílias, que é a de um dos autores deste trabalho, e que parece pertencer a este contexto de turismo interconectado: a família Matta (MATTA; PASSOS, no prelo). Apresentar-se-á uma breve narrativa a partir do registro que se tem neste livro, que está no prelo, para se desenvolver uma proposta de roteiro de visitação.

Trata-se de uma família de colonos portugueses cuja chegada aconteceu no Brasil, em Salvador, em 1805, em um primeiro momento, mas depois em 1810, definitivamente. Interessados então nos caminhos e venturas da família Matta, ao menos deste ramo, podem associar o Sertão a um roteiro em Portugal, haja vista que os descendentes deste ramo, estão presentes no Sertão nordestino, na Bahia, em Minas Gerais e, possivelmente, em outros estados.

A informação que temos é que esta família tem origem ainda na medievalidade, quando ao que parece Dom Gonçalo Gomes da Matta teria lutado no século XI, ao lado de nobres da família Guedes, para a tomada definitiva do norte de Portugal aos mouros. Isto bem na origem do Reino de Portugal. Graças a isto, estes cristãos novos, batizados Matta, ao se tornarem Cristãos, ficaram bem-vistos. No século XIII, um descendente de Dom Gonçalo, Dom Gomes Fernandes da Matta estava como Alcaide Mor no Castelo de Celorico e Bastos. No Norte de Portugal.

Consta que descendentes destes ramos dos Matta, de Celorico de Bastos, migraram para Sertã, e na região passaram a dedicar-se à criação de cavalos. Temos registros da chegada dos Matta à região de Sertã por volta de 1500, e, portanto, quando da descoberta do Brasil. O primeiro Matta em Sertã, advindo do Norte foi, Nuno Gonçalves da Matta.

São séculos de presença destes rancheiros criadores de cavalo na região de Sertã, e a partir dali se espalharam na região fazendo extensa família e muitos descendentes. Um certo João da Matta Ferreira, natural do Povoado Malhou, próximo à Santarém, cerca de 100 km de Sertã, descendente destes Matta, deixou como filho órfão, rebatizado Pedro António Bernardes da Matta, um menino sobrevivente do terremoto de Lisboa, em 1755. Criado pelo tio António da Matta Ferreira.

Ao que parece, segundo se sabe de uma parte dos relatos encontrados, mas também de algumas deduções ainda não confirmadas, Pedro António ficou órfão no terremoto, com 2 anos de idade. O tio António lhe deu novo nome de família, Bernardes da Matta, devido, conjectura-se à proximidade do Povoado Malhou, do Mosteiro de Alcobaça, onde uma então nova capela à São Bernardes, deve ter emocionado o tio António, que resolveu renomear o Órfão homenageando o santo. Preservava-se o Matta e apagava-se o Ferreira.

Foi o filho de Pedro António, Manoel Joaquim Bernardes da Matta, que veio para o Brasil, em 1805, definitivamente, em 1810, passando a morar em Salvador, capital da Bahia. Eurico Joaquim Bernardes da Matta, neto de Manoel Joaquim, migrou de Salvador para Nazaré das Farinhas, no Recôncavo Baiano. Filhos e netos de Eurico se espalharam pela Bahia e pelo Brasil, tendo descendentes em várias regiões do Sertão.

Sugere-se então aos que desejam perceber e visitar a partir de Portugal, possam estudar a passagem de seus ancestrais em Lisboa, no Povoado Malhou, em Santarém, em Sertã, particularmente, onde houver presença histórica da família Matta, para depois findar a rota em Celorico de Bastos. E, sendo a partir do Brasil, a rota de migração da família Matta, por exemplo, para o Sertão, que visitem Nazaré das Farinhas e Salvador, na Bahia, pontos de chegada.

Esta sugestão é apenas um exemplo, dentre inúmeras outras possibilidades. Acredita-se que a visita aos pontos de origem de várias famílias hoje radicadas no Sertão brasileiro podem ser uma redescoberta importante e recomendável para cada descendente daqueles que vieram de tão longe construir um país. Tendo-se o Turismo de Base Comunitária como alternativa de organização e autogestão das comunidades que habitam em espaços rurais e urbanos de Sertã, Portugal, e do Sertão do Brasil, no caso o Povoado Alto, cujo patrimônio cultural material e imaterial remete ao passado destes países.

A seguir, apresenta-se outras vertentes acerca da origem do termo Sertão, as quais de algum modo reafirmam a hipótese de que o termo português, Sertã, pode ter influenciado a nomeação da sub-região sertaneja, no Brasil.

Sertão: a história e cultura dos sertanejos

Falar sobre o Sertão é mergulhar numa infinidade de construções sociais, conceituais, hipóteses e interpretações diversas. Desde a etimologia que deu origem ao nome até às diferentes visões acerca do que são o Sertão e o sertanejo, formam um emaranhado de significados e imagens, corroborando a reprodução e disseminação de muitos estereótipos e distorções. Em parte, isto se deve à multiplicidade de aspectos históricos, sociais, culturais, políticos e religiosos que demarcam e caracterizam o território sertanejo.

No que se refere à origem do nome Sertão, segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009, p.11):

[...] a palavra sertão tem duas origens, sendo uma africana e a outra referente à vegetação, conforme explicitado no Atlas do IBGE: Há, basicamente, duas vertentes interpretativas das origens etimológicas de sertão. Uma atribui a origem do termo à palavra africana mulcetão, que designava terras distantes da costa, mediterrâneas, e ao ser incorporada à língua portuguesa assumiu a forma certão, mais tarde sertão (BARROSO apud GALVÃO, 2001, p. 16; NEVES; MIGUEL, 2007, p. 9). A outra vertente duvida da evolução do termo mulcetão para sertão e considera mais provável que a palavra tenha origem em “sertanus, advinda de sertum, participio passado de sero, serui, sere”, que se traduziria por “entrelaçar”, “entrançar”, com o sentido de “o que está entrelaçado”, numa alusão à “vegetação contínua” (MEYER-LÜBKE apud NEVES; MIGUEL, 2007, p. 10).

Comumente o termo Sertão aparece vinculado à versão africana de sua origem, visto que, é utilizado para se referir às terras mais distantes do litoral, cunhada como a parte do interior. Tal perspectiva também é adotada por Oliveira (1998, p.196), ao dizer que:

O lugar geográfico ou social identificado como sertão acompanha este caminho que recebe ora uma avaliação positiva, ora negativa. As definições de sertão fazem referência a traços geográficos, demográficos e culturais: região agreste, semi-árida, longe do litoral, distante de povoações ou de terras cultivadas, pouco povoadas e onde predominam tradições e costumes antigos. [...] Para além destes atributos, aparece no imaginário social a ideia de que não há um sertão, mas muitos sertões[...].

Essa denominação acerca do que é o Sertão ou Sertões, como a autora menciona, remete à diversidade que o cerca, desde os aspectos sociais e culturais até os naturais. Para Seabra (2007, p.16), “o sertão corresponde às terras situadas distantes do litoral, cujo isolamento proporcionou o desenvolvimento de uma cultura própria, baseada numa história rica em acontecimentos marcados por lutas, bravuras, lendas, ritos e mitos”. Neste sentido, é válido destacar e demarcar geograficamente o que se está chamando de Sertão nesse estudo.

Geograficamente falando, o Sertão corresponde a uma das quatro sub-regiões do Nordeste do Brasil, conforme Imagem 1.

Imagem - 1: Sub-regiões do Nordeste



Fonte: INFOENEM (2019)

De acordo com o Portal Embrapa (2021), a sub-região Sertão compreende grande parte da Bahia, perpassando pelos estados de Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Ceará e Piauí. As principais características naturais do Sertão é a presença da vegetação Caatinga e escassez de chuvas. Apesar da região ter singulares características geográficas, as marcas fortes que dão identidade a esse lugar, são compostas por elementos culturais que predominam e fazem parte da vida de um povo, como: a criação de animais, as plantações, a música, a dança e a religiosidade.

A cultura está vinculada por meio de tradições, voltado à transmissão de costumes entre gerações, mantendo vivas assim memórias e histórias dos antepassados. Por meio da cultura é possível identificar os diversos grupos sociais, entende-se como a cidade se forma e se organiza, e se constrói as identidades, possibilitando assim que os indivíduos preservem suas histórias e valores e mantenham suas tradições oriundas das vivências em comunidades.

As culturas sertanejas, registrada no plural, pois como menciona Bosi (1992), “se pelo termo cultura entendemos uma herança de valores e objetos compartilhados por um grupo humano relativamente coeso, logo o conceito de cultura deve estar empregado no plural”. Estas culturas estão relacionadas aos deslocamentos, “os sertanejos migram e quando retornam a terra natal, trazem consigo influências de várias outras culturas, que acabam refletindo em seu modo de viver” (SANTOS, 2016, p. 13). Este deslocamento é causado por vários fatores como busca de emprego, educação, a seca, a miséria etc. Com isto algumas famílias sertanejas são forçadas a deixar o seu espaço de vivência, carregando suas memórias e histórias.

A vida simples do Sertão concedeu o desenvolvimento de uma expansão própria para a manutenção da sobrevivência, pequenas roças para o consumo, além de confecções de acessórios necessários ao dia a dia. A pecuária é um elemento importante para o Sertão, porém havia limitações nos lugares que não existiam rios e vegetação nativas, o solo era infértil e existia pouco recurso humano e material:

Formou-se, assim, no sertão – Nordeste semiárido – uma sociedade pecuarista, dominada por grandes latifúndios cujos detentores quase sempre viviam em Olinda ou Salvador, delegando a administradores da propriedade a empregados, e nas quais havia sítios que eram aforados a pequenos criadores que implantavam currais. Era uma economia inteiramente voltada para um mercado distante, situado no litoral; para onde a mercadoria se auto transportava, em boiadas conduzidas por vaqueiros e tangerinos, por centenas de léguas (ANDRADE, 2005, p. 47).

Sendo assim a criação de gado torna o Sertão produtivo. Na citação acima é perceptível a importância da inserção do gado no processo de desbravamento do sertão nordestino, sobretudo, pelo fato da implementação dos currais que contribuíram para a formação de vilarejos e povoados. Koster (1942, p. 208), acrescenta ainda que “os sertanejos são corajosos, sinceros, generosos e hospitaleiros”. O Sertão ocupa um lugar social, onde as realidades socioculturais são refletidas como base para o fortalecimento da identidade do sertanejo, que ultrapassa os valores morais e sentimentos chegando até os aspectos físico-geográficos do lugar, Guillen (2002) afirma que “o sertanejo torna-se uma figura imprescindível para pensar o povo brasileiro”. Ou seja, o Sertão é território de pluralidades de modos de vida tradicionais, de pessoas fortes, de povos que sabem viver e conviver.

Diante da pluralidade cultural e histórica que demarca o Sertão brasileiro, destaca-se o Alto, um lugar no Sertão, um Povoado sertanejo que possui um modo de vida característico do meio rural como a criação de animais, a presença dos tropeiros, e apresenta semelhanças com a Sertã, em Portugal. Além disto, é um exemplo de como o Turismo de Base Comunitária tem contribuído para a valorização e conservação da história e história e cultura local.

Alto, o meu lugar no Sertão: valorização do patrimônio cultural por meio do Turismo de Base Comunitária.

O Alto é um lugar muito especial no Sertão da Bahia, pelas suas idiossincrasias, mencionadas no texto. Conforme a Figura 02, este Povoado tem aproximadamente 221 anos de existência, localizado às margens do Rio Itapicuru Mirim, no município de Tucano, e que representa o modo de vida, a história e a cultura sertaneja. Um lugar com paisagens típicas da

caatinga, banhado pelos mitos originários das águas, marcado pela presença dos tropeiros e passagem do cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido por Lampião.

Imagem 2 - Foto via satélite do Povoado Alto com nomes das ruas



Fonte: Google Earth (2018), adaptado pelos autores e João Santana (2019).

Para isso, é importante contextualizar como o referido Povoado se insere histórica e culturalmente no Sertão baiano. O município de Tucano, do qual o Alto faz parte, tem sua origem diretamente relacionada com o processo de desbravamento e/ou povoamento do Sertão nordestino, fato este ocasionado pela necessidade de avanço do domínio da Fazenda Casa da Torre, fundada por Garcia D'Ávila, no século XVI. Para Matta (2013, p. 47), “[...] a busca por riquezas minerais certamente foi um dos motivos que levou os Senhores da Torre a expandir seus domínios”. Há indícios de que na região, possivelmente, existiam reservas de minerais e ouro, principalmente às margens do rio Itapicuru Mirim.

A inserção da criação de gado e, conseqüentemente, a formação de currais no Sertão da Bahia contribuíram histórica e culturalmente para a expansão da Casa da Torre e povoamento das terras mais distantes do litoral. Com isto, a criação de animais de pequeno porte, por parte dos vaqueiros, homens de confiança dos senhores da terra, favorecia a formação e fixação de pequenos núcleos de populações, geralmente acompanhando rios e as estradas por onde os bois passavam, ou contornando a caatinga (ROCHA, 1987). Tanto que,

de acordo com Martins (2020), as comunidades mais antigas de Tucano, comumente, estão situadas próximas ao rio Itapicuru Mirim.

As formações dos vilarejos, comumente, viravam centros de trocas de gados, ou de pouso para as boiadas. Logo, considera-se que juntamente com a implantação dos currais, a Fazenda Casa da Torre disseminava uma forma de viver e se relacionar. O processo de criação de gado, culmina em outras atividades como a utilização do couro para a produção de vestimentas e utensílios. Segundo Matta (2013, p. 48), “[...] a indústria do couro se espalhava, assim como a da carne charqueada: surgia toda uma cultura alimentar, os primeiros rudimentos de feiras periódicas assim como o deparar-se com a seca e com a forma de vida necessária para enfrentar a vida no sertão”. Marcas culturais, alimentares e artesanais que permanecem presentes no modo de viver sertanejo.

No tocante à cultura sertaneja, a exemplo de comunidades rurais como o Alto, geralmente, apresenta características vinculadas à religião, trato com a natureza, formas de trabalho e o modo de viver local. Neste sentido, dá-se ênfase a algumas atividades que representam a relação da cultura com as formas de trabalho, a saber: os aboios, cânticos, rezas, repentes e toadas, e, até mesmo as vestimentas e costumes dos vaqueiros, tropeiros e carreiros, remetem à origem histórica da região. Do mesmo modo, as práticas laborais nas Casas de Farinha, comumente, acompanhadas de muitos cânticos, repentes, rezas e versos, também entrelaçam cultura e trabalho.

Para além da importância econômica, culturalmente, os vaqueiros, tropeiros e carreiros tiveram significativas contribuições para a formação e desenvolvimento do Sertão baiano. Os vaqueiros, remetendo à origem do próprio Sertão, representantes da força e bravura dos sertanejos, dotados de saberes e fazeres que misturam trabalho e devoção. Para Rocha (2016, p. 102), os vaqueiros são o “[...] tipo étnico que provém do contato do branco colonizador com o índio durante a penetração do gado nos sertões do Nordeste brasileiro”. Os vaqueiros são os responsáveis pelos rebanhos de bovinos, inclusive, de vaquejar, procurar ou reunir vacas e bois embrenhados na caatinga, o que deu origem a algumas atividades como “pega de boi”, vaquejadas e outras.

Merecem destaque também, os tropeiros. De acordo com Rocha (2007), eles realizavam o abastecimento da região transportando mantimentos para curtas e longas distâncias, em tropas de animais, geralmente, utilizavam as mulas. Já os carreiros, faziam o transporte de cargas mais pesadas como lenhas, feijão e milho em grande quantidade.

Esses três grupos, vaqueiros, tropeiros e carreiros, desempenharam papéis fundamentais na economia, mas também na cultura local, visto que além de transportar

mantimentos, ao percorrerem diversas vilas e cidades distantes, eles veiculavam ideias, notícias, sua fé e modo de vida. Percebe-se também influência no modo de falar, visto que ainda é comum o uso de palavras, criadas e usadas pelos tropeiros, como: apear, arranchar, arreio, cangalha, pisadura, pêa e outras.

Do mesmo modo, a culinária sertaneja também remete para o trabalho dos tropeiros, vaqueiros e carreiros, os quais utilizavam como base alimentar durante os deslocamentos, a carne seca, farinha e rapadura. Por fim, nota-se a influência da religiosidade sertaneja, marcada por muita devoção, tanto que muitos versos e repentes, eram na verdade orações de petições ou de agradecimento. De acordo com Martins (2020), as cantigas e versos também se fazem presentes durante as raspas de mandioca nas casas de farinha, e as colheitas e batatas de feijão e milho.

Portanto, entende-se que as formas de trabalho nas roças, currais, casas de farinhas, vaqueiros, tropeiros e carreiros eram, além do modo de garantir a subsistência, espaços e momentos de produção cultural. Contudo, com o advento da modernidade, a herança cultural sertaneja tem sido desgastada e, por vezes, esquecidas. Assim, compreende-se neste estudo que o Turismo de Base Comunitária é um caminho para a preservação e difusão do patrimônio cultural e histórico do Sertão baiano. A exemplo disto, menciona-se o processo de implementação do Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto, com destaque para as contribuições deste para a construção da História Pública da comunidade, bem como a valorização de sua cultura.

O Turismo de Base Comunitária e a valorização do Patrimônio Cultural Altense

O Turismo é um fenômeno complexo, multifacetado e mutável, que perpassa as mais diversas dimensões sociais, culturais, econômicas, políticas, ideológicas, de disputas de poderes e lutas de classes. Para Spínola (2000, p. 37), “[...] o turismo é uma prática social coletiva, geradora de diversas manifestações de cunho econômico, sociocultural e espacial”, no entanto, é muito comum atrelar a prática turística somente ao viés econômico, negligenciando os impactos que este pode ocasionar nas demais dimensões.

De acordo com a declaração de Manila, na Conferência Mundial de Turismo de 1980 (OMT, 1980), o turismo é um direito do homem e este deve contribuir para a realização plena do ser humano, para aprimorar sua educação, para a sua liberdade, deve respeitar sua identidade, sua dignidade, sua cultura e o patrimônio moral dos povos. Contudo, como afirma Cravidão (2011, p.37) “Viajar, ou fazer turismo, continua a ter um valor emblemático. Para quem o faz, mas também para os grupos sociais que ainda não lhe têm acesso. Viajar ou fazer

turismo tornou-se deste modo um fenômeno cultural e além disso um dos símbolos da sociedade de bem-estar”, ou seja, para além de outras coisas, o turismo também é excludente.

Nesse sentido, no que tange à prática, Coriolano (1998, p.20) afirma que “o turismo é uma forma mais elitizada de lazer”. Visto que o mesmo está atrelado ao poder de consumo dos sujeitos, revelando-se como uma atividade de caráter elitista e excludente. De modo que, na prática não é acessado por todos, podendo ser considerado como um bem de consumo, acessado por poucos. Afirma-se também que o modelo de turismo vigente, exclui pessoas e lugares, por ser baseado num padrão de beleza, em sua maioria, meramente mercadológico.

Contudo, esse não é o único modelo de gestão e planejamento do turismo possível. Ao contrário, com o avanço dos processos de degradações e mazelas oriundas da prática do turismo convencional, por volta de 1980 surge como alternativa o Turismo de Base Comunitária (MALDONADO, 2009), visando um modo de organização da prática turística, menos consumista, menos invasiva e que articula todas as dimensões do território, mobilizando para o protagonismo dos sujeitos e comunidade local. Sendo seu objetivo central, a valorização dos sujeitos e seus saberes, e assim desenvolver o turismo de maneira mais inclusiva e sustentável.

De acordo com Silva et al. (2012, p. 11):

[...] o turismo de Base Comunitária como uma forma de planejamento, organização, autogestão e controle participativo, colaborativo, cooperativo e solidário da atividade turística por parte das comunidades, que deverão estar articuladas em diálogos com os setores público e privado, do terceiro setor e outros elos da cadeia produtiva do turismo, primando pelo benefício social, cultural, ambiental, econômico e político das próprias comunidades

Assim sendo, no Turismo de Base Comunitária as ações são guiadas pela ideia de construção e organização coletiva, realizado pela comunidade local, configurando-se como uma proposta de baixo para cima, sendo os sujeitos locais os protagonistas de todo o processo desde o planejamento até a implementação. Corroborando com Irving (2009, p. 111), para o qual “[...] o turismo de base de comunitária só poderá ser desenvolvido se os protagonistas deste destino forem sujeitos e não objetos do processo”. Logo, o TBC, configura-se como uma rede solidária na comunidade, organizando roteiros com base na identificação do potencial cultural e histórico, utilizando os aspectos naturais de forma consciente, visando contribuir para o desenvolvimento local pautado na igualdade e cidadania.

No caso do Povoado Alto, o Turismo de Base Comunitária, apresenta-se como um meio alternativo para a organização da prática turística, tendo como principal objetivo, a valorização da história e cultura local e, principalmente, o protagonismo de sujeitos altenses.

Sobretudo, ao se considerar que o referido Povoado, mesmo com potencial para o desenvolvimento do turismo cultural com as tradições históricas, culturais e religiosas características do Sertão, assim como outras comunidades rurais do município, não está incluso no fluxo de atividades turística da região.

Nesse sentido, por se tratar de uma comunidade rural que não recebe incentivos para o desenvolvimento do turismo, são necessárias estratégias e alternativas de mobilização e organização social que possibilitem à comunidade desenvolver a atividade turística. Neste sentido, o processo de identificação da localidade como potencial para o TBC partiu de demandas da comunidade, oriundas de discussões com grupos locais, iniciadas desde a realização de um trabalho de pesquisa que culminou na criação coletiva do *blog* Alto: O Meu Lugar no Sertão (CARMO, 2016). O objetivo do *blog* foi difundir a história e cultura do Povoado, contada por seus habitantes, pois muitos altenses desconheciam e até questionavam a existência de história em um lugar pleno de riquezas culturais e históricas.

Diante disso, compreende-se que o *blog*, enquanto dispositivo tecnológico, facilitou o mapeamento dos atrativos turísticos da comunidade, sendo os principais as belezas naturais e suas tradições culturais, históricas e religiosas. A partir do estudo do contexto sócio-histórico da comunidade, identificou-se a necessidade de mobilizar os sujeitos por meio da realização de rodas de conversas com base na concepção de educação de Paulo Freire atrelada à educação para o Turismo de Base Comunitária. Entende-se por rodas de conversas, inspirados em Freire (1987), como a realização de encontros dialógicos com os sujeitos da comunidade para partilhar a palavra, a escuta, saberes e experiências, e que desta forma abre-se para a possibilidade de construção de uma proposta de educação horizontalizada de A com B e não de A para B.

Considerando o contexto do Povoado Alto, Martins (2020, p.128), define que:

A Educação para o Turismo de Base Comunitária significa construir e desenvolver ações educativas com os sujeitos locais, visando à formação destes para o protagonismo na organização do TBC com base nos princípios da autonomia, democracia, cidadania, autogestão, participação, emancipação e diálogo. Apontando para uma produção e modos de vida baseados na economia solidária, enraizados na cultura e história local num processo horizontal e dialógico de trocas de saberes e experiências. Caracterizando-se como uma educação do lugar, as ações serão construídas e reconstruídas de acordo com elementos do contexto local, respeitando suas especificidades, e não como um modelo pronto e engessado.

Nesse sentido, ações conjuntas têm sido desenvolvidas para a mobilização da comunidade, valorizando os sujeitos e seus saberes, partindo da problematização e estudo da sua realidade, para buscar soluções e melhorias para a localidade. Como resultados iniciais de algumas ações têm-se: realização de trilhas, roteiros turísticos, censo comunitário, oficinas de

artesanato, eventos culturais, criação de biblioteca comunitária, nomeação das ruas da comunidade e criação do ecomuseu da história e cultura altense. Vale ressaltar que foi realizado o mapeamento dos nomes das famílias, com o propósito de nomear as ruas. Do levantamento feito, identificamos as famílias Andrade, Carmo, Ribeiro, Barreto, Oliveira, Pereira, que temos como intenção o estudo da história dessas famílias, tal como realizamos com a família Matta, para inserção no Blog Alto, o meu Lugar no Sertão e no ecomuseu.

Dentre os resultados apresentados, merece destaque para a criação do Ecomuseu da História e Cultura Altense, conforme Figura 03, o qual de modo simples, retrata através dos objetos o patrimônio histórico e cultural do Povoado Alto e dos altenses. Vale dizer que a proposta do ecomuseu surgiu da ideia de construir um acervo com a comunidade, e não apenas, para visitação turística. Todos os objetos que o compõe foram doados pelos habitantes locais, que além da doação também contavam a história de quem fez, para quem servia e de quem era. Corroborando a ideia de patrimônio defendida por Cravidão (2011, p.35), para quem “o patrimônio quase sempre associado ao conceito de herança, algo que passa de geração em geração e por isso importante veículo de transmissão, podendo ser encarado como uma cadeia de valor histórico”.

Imagem 3 - Entrada do ecomuseu da história e cultura altense



Fonte: Acervo pessoal de Juliana Martins (2020)

O Ecomuseu da História e Cultura Altense, situado dentro da Biblioteca Comunitária do Povoado Alto, foi pensado e planejado durante rodas de conversas com a comunidade. O objetivo foi reunir aspectos da história e da cultura no espaço da biblioteca para que a comunidade e os visitantes possam não só ter acesso aos livros, mas também conhecer objetos que representam um pouco da história e cultura local. Ambos os espaços não possuem nenhum vínculo com o poder público, são geridos pelo Grupo Filhos do Sertão, composto por adolescentes e jovens do Povoado Alto, envolvidos no processo de planejamento e organização do Turismo de Base Comunitária.

Como já mencionado anteriormente, é importante ressaltar que no Turismo de Base Comunitária, os principais beneficiários devem ser os sujeitos locais. Para Sampaio (2005), o TBC oportuniza vivências com outros modos de vida e cultura, trocas de experiências entre turistas e anfitriões em uma relação harmônica, contrapondo o estilo consumista, e, por vezes, contraditório do turismo de convencional. Corroborando com isto, Cravidão (2011, p.39), afirma que:

[...] atividade turística é provavelmente uma das que encerra mais contradições. O turismo é um produto da mobilidade. Tem por especificidade percorrer o espaço, mas a sua lógica conduz também à fixação. Num qualquer lugar privilegiado, que modela, adapta, transforma, frequentemente devora, não raras vezes descaracteriza, e para alguns autores, concorre mesmo para a construção de não lugares.

Assim sendo, o TBC se contrapõe ao turismo convencional, pois ao invés de descaracterização, segundo Irving (2009, p. 111), “[...] o turismo de base comunitária [...] favorece a coesão e o laço social e o sentido coletivo da vida em sociedade, e que por esta via promove a qualidade de vida, o sentido de inclusão, a valorização da cultura local e o sentimento de pertencimento”. Logo, no TBC, as relações são estabelecidas horizontalmente, os sujeitos deixam a condição de objetos para assumirem o papel de protagonismo.

No Alto, mesmo diante dos impactos negativos da pandemia da COVID-19, percebe-se a importância do trabalho coletivo com a comunidade a formação das redes solidárias. Tanto que no período pandêmico, foram desenvolvidas ações, tais como: distribuição de máscaras, gravação e compartilhamento de vídeos informando os riscos da doença para localidade. Além disto, o processo de organização do TBC é educativo, pois possibilita aos sujeitos a construção e valorização do patrimônio histórico e cultural da comunidade.

Portanto, os princípios de respeito e o reconhecimento dos saberes e cultura têm sido o diferencial no processo de organização do Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto, e têm contribuído para o sentimento de pertencimento de pessoas que, até então, tinham

vergonha de assumir sua identidade enquanto altense. Por fim, prosseguir-se-á juntos, buscando formas de superação das dificuldades impostas nesta sociedade, no sonho por um bem viver na comunidade local.

Conclusão

O objetivo desse artigo foi construir conhecimento sobre como a história aproxima Sertã ao Sertão, com a finalidade de refletir como o Turismo de Base Comunitária contribui para a valorização do patrimônio cultural. Evidenciou-se a hipótese de que, historicamente, pode haver relações de proximidade entre Sertã, em Portugal, e o Sertão, no Brasil. Sobretudo no que diz respeito aos significados que os termos Sertã e Sertão representam.

Dessa maneira, apresentou-se algumas discussões iniciais que reafirmam a hipótese citada acima. Para isto, abordou-se aspectos sobre a história e cultura do Sertão e dos sertanejos, direcionando o foco das discussões para o caso do Povoado Alto, no qual o Turismo de Base Comunitária, modo alternativo de organização e gestão da prática turística, tem se configurado como importante meio para a valorização do patrimônio cultural altense.

Ainda na busca por reafirmar a hipótese de que a história aproxima Sertã portuguesa do Sertão brasileiro de Sertã, apresentou-se resumidamente a lenda sobre a descoberta desta Vila portuguesa. Neste sentido, mostrou-se como exemplo, as aventuras da família Matta que migrou de Sertã para o Sertão. Vale ressaltar que esta hipótese não está acabada, pois carece de mais estudos.

Por fim, conclui-se que para além dos indícios da relação histórica entre Sertã e Sertão, o Turismo de Base comunitária no Povoado Alto é uma alternativa promissora no processo de valorização do patrimônio cultural e histórico.

Referências

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 8 ed. São Paulo: /editora Atlas, 2005.

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CARMO, Juliana Andrade do. **O uso de um blog como elemento difusor da história do Povoado Alto**, em Tucano/ Ba. 2016. 137f. TCC (Licenciatura em Pedagogia) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2016.

CORIOLOANO, Luzia Neide M.T. **Do Local ao global**: O turismo litorâneo cearense. Campinas: Papirus, 1998.

CRAVIDÃO, Fernanda Delgado. TURISMO, TERRITÓRIO E CULTURA - UMA TRILOGIA (SEMPRE) EM CONSTRUÇÃO. **Espaço e Cultura**, [S.l.], n. 29, p. 35-42, jun. 2011. ISSN 2317-4161. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3530>. Acesso em: 05 out. 2021.

EMBRAPA. **Região Nordeste**, 2021. Disponível em: <https://www.embrapa.br/contando-ciencia/regiao-nordeste>. Acesso em: 11 out. de 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOOGLE EARTH. **Imagem de Satélite do Povoado Alto**. Tucano, 2018. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Tucano++BA,+48790-000/@-11.0595145,-38.91993,674m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x7123b53108bf63b:0x166d9cd9ef8c1312!8m2!3d-10.9620159!4d-38.791497>. Acesso em: 10 out. de 2021.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. O sertão e a identidade nacional em Caspitrano de Abreu. In: BURITY, Joanildo. **Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: DP&A. 2002.

IBGE. **Atlas das representações literárias de regiões brasileiras**. Sertões Brasileiros. Vol. 2. Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. rev. 2009.

INFOENEM. **Estudando as Sub-Regiões do Nordeste Brasileiro**, 2019. Disponível em: <https://infoenem.com.br/estudando-as-sub-regioes-do-nordeste-brasileiro/>. Acesso em: 11 out. de 2021.

IRVING, Marta A. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível? In: BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (Org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e imagem, 2009.

KOSTER, H. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. Cia. [tradução e notas de Luiz Camara Cascudo]. Rio de Janeiro, Editora Nacional, 1942.

MALDONADO, Carlos. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In: BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e imagem, 2009.

MARTINS, Juliana Andrade do Carmo. **Educação para o Turismo de Base Comunitária: construindo caminhos para o desenvolvimento local do Povoado Alto, Tucano, Bahia**. 2020. 216f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2020.

MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues. **História da Bahia**. Salvador: Edunab, 2013.

MATTA, Alfredo e PASSOS, Dorival Franco. **Edgard Matta, a vida de um jurista e a articulação com seu tempo**. Salvador: Universidade do Estado da Bahia - UNEB, 2021 (no prelo).

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro**. Hist. cienc. Saúde-Manguinhos [online]. 1998, vol 5. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010459701998000400011&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 11 out. de 2021.

OMT. **Declaração de Manila sobre Turismo Mundial**. Manila: OMT, 1980.

ROCHA, Rubens. **História de Tucano**. Feira de Santana: Impressão Oficinas da Bahia Artes Gráficas, 1987.

ROCHA, Rubens. **A História do Integralismo em Tucano** (Partidos políticos, eleições e outras notícias), Tucano-Ba. Impressão Gráfica Tibiriça: Gráfica e Editora, 2007.

ROCHA, Rubens. **Tucano de ontem**. Tucano: Gráfica Tibiriça, 2016.

SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. **Turismo como fenômeno humano: princípios para se pensar a socioeconomia e sua prática sob a denominação do turismo comunitário**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SANTOS, Elane de Jesus. **A condição exílica do sertanejo em composições interpretadas por Luiz Gonzaga**. 2016. 45 fl. Centro de formação de professores – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2016. Disponível em: <http://www.repositoriodigital.ufrb.edu.br/handle/123456789/1068?mode=full>. Acesso em: 30 de set. de 2021.

SEABRA, Giovani. **Turismo Sertanejo**. João Pessoa: UFPB 2007.

Sertã. **O município de Sertã**. Sertã: Câmara Municipal de Sertã, 2021. Disponível em: www.camara-municipal.pt/municipio-serta.html. Acesso em: 14 de out. de 2021.

Sertã Turismo. **A lenda da Celinda**. Sertã: Câmara Municipal de Sertã, 2021. Disponível em: www.turismo.cm-serta.pt/turismopt/a-sertã/a-lenda-da-celinda. Acesso em: 14 de out. de 2021.

SILVA, Francisca de Paula Santos da, et al. **Cartilha (in) formativa sobre Turismo de Base Comunitária “O ABC do TBC”**. Salvador: EDUNEB, 2012.

SPINOLA, Carolina. O PRODETUR e a descentralização do turismo baiano. **RDE-Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, v. 2, n. 3, p. 36-47, jan. 2000.